

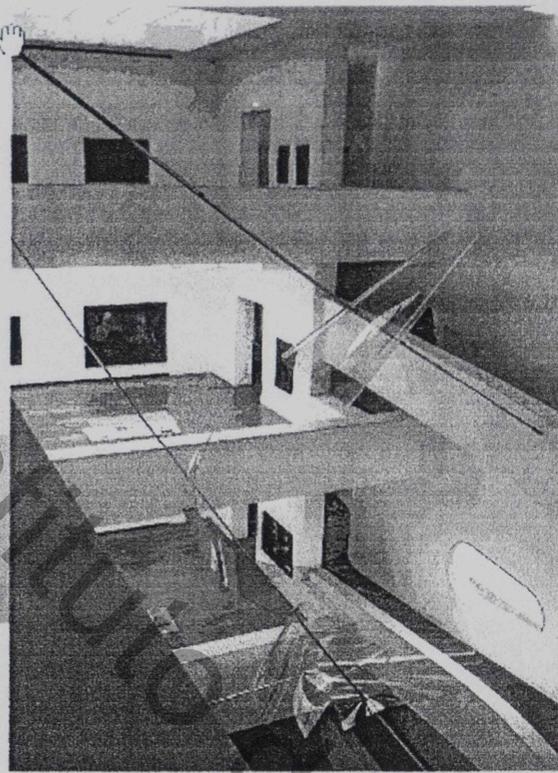
Fundação realiza 1ª intervenção

Trespassadas e suspensas por cilindros de aço polido, que chegam a se estender por 22 metros de comprimento

A intervenção ocupa todos os 22 metros de pé-direito do prédio

COM ALICIONE

“Para eu criar uma obra dentro de um espaço arquitetônico, ele tem de ser forte visualmente, tem de me dizer algo e este prédio me diz coisas demais”, confidencia a artista plástica Iole de Freitas enquanto observa a montagem da megaestrutura suspensa que criou com exclusividade para ser a primeira intervenção a ser realizada no átrio da nova sede da Fundação Iherê Camargo. A abertura oficial da intervenção, que ocupa todos os 22 metros de pé-direito do prédio desenhado pelo português Alvaro Siza, acontece no próximo dia 5 em vernissage marcado para começar às 19h no próprio átrio.



São cinco placas de policarbonato translúcido, retorcidas a mão, com mais de 2,5 m de largura e 6 de comprimento,

A estrutura demorou cerca de dez dias para ser instalada e contou com o trabalho incansável de uma equipe de mais de 20 pessoas responsáveis pela montagem da obra que atravessa de ponta a ponta o espaço interno do prédio, das rampas de acesso até as salas expositivas. São cinco placas de policarbonato translúcido, retorcidas a mão, com mais de 2,5 metros de largura e 6 de comprimento, trespassadas e suspensas por cilindros de aço

polido, que chegam a se estender por 22 metros de comprimento. A obra foi construída diante dos visitantes que passam pela nova sede, que já ultrapassam a marca do 30 mil.

A intervenção, que pode ser visitada até 8 de fevereiro de 2009, gera um visual único através do suave jogo de equilíbrio e leveza, imagens e reflexos produzidos pela incidência da luz nas placas cristalinas, característica amplamente explorada na

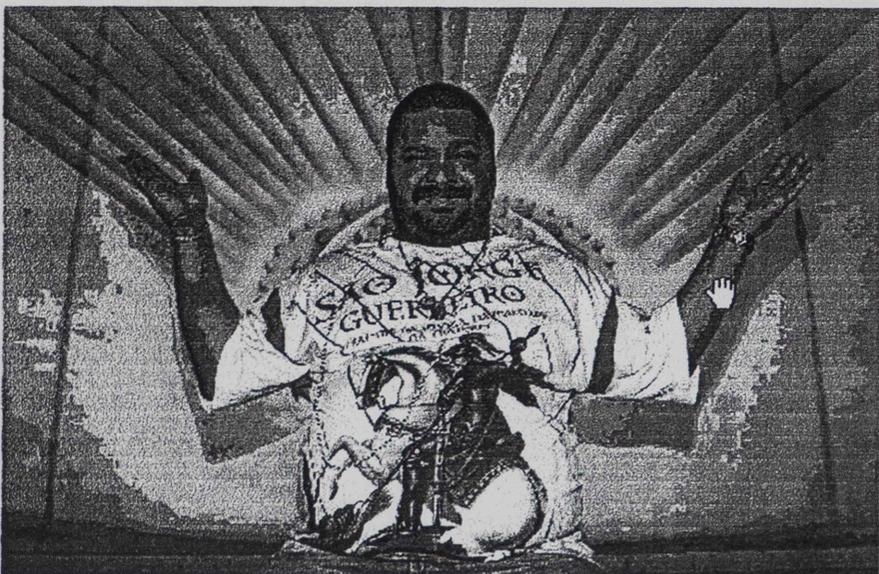
produção artística de Iole nos últimos anos das quase quatro décadas de carreira. “Sempre me interessou o estudo de uso da luz e do deslocamento de corpos que transitam próximos a minha obra”. O espetáculo promovido pela intervenção muda junto com o olhar do espectador, que ao caminhar pelos diferentes espaços do prédio, encontra novas formas refletidas, seja pela própria imagem dos visitantes que passam pela Fundação seja

pela luz que entra pelas janelas estrategicamente posicionadas da nova sede. “A iluminação do prédio é excelente, e logo pude perceber a relação que a intervenção a ser estabelecida com a construção funcionaria muito bem. Sem dúvida, qualquer projeto artístico ganha quando está relacionado com um espaço arquitetônico de qualidade”, comenta ela.

Mineira de nascimento e radicada no Rio de Janeiro,

a escultora contemporânea, gravadora e artista multimídia está entre os principais nomes da arte brasileira na atualidade. Conhecida pelas obras de grande porte que realiza, Iole participou de diversas exposições individuais e coletivas em todo o mundo, como a 9ª Bienal de Paris (1975), a exposição itinerante ‘Cartographics’, na Biblioteca Luiz Angel Arango (Bogotá, Colômbia), o Museo de Artes Visuales Alejandro Otero (Caracas, Venezuela), na National Gallery (Ottawa, Canadá), no Bronx Museum (Nova York, EUA) e na La Caixa (Madrid, Espanha). Tem entre seus trabalhos mais recentes as intervenções criadas para o Centro Cultural Banco do Brasil em Brasília, em 2003, para o CCBB do Rio de Janeiro, em 2005, a obra desenvolvida para a Bienal do Mercosul 2005, em Porto Alegre e a aplaudida instalação produzida para o Documenta 12, uma das mais renomadas exposições internacionais de arte, sediada na cidade alemã de Kassel, em 2007. Sobre a escultura suspensa instalada da nova sede da Fundação, que considera “um projeto ao qual ela não pôde resistir”, a artista espera do público uma livre interpretação de sua obra. “O deslocamento do espectador é que dá a interpretação da obra. O que eu posso dizer já está ali, montado. O que cada pessoa irá tirar disso é uma experiência individual e única”.

“Samba Social Clube” reúne nata do gênero



Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz são algumas das celebridades reunidas em CD e DVD gravados ao vivo no Rio. A referência é óbvia ao Buena Vista Social Club

FÁBIO GRELET
Fotagens

Zeca Pagodinho, Beth Carvalho, Jorge Aragão, Fundo de Quintal, Alcione, Almir Guineto, Arlindo Cruz... Essas e outras mais de 20 celebridades do samba são as atrações do “Samba Social Clube”. CD e DVD gravados ao vivo no Rio, na segunda e terça-feira passadas, durante dois shows na Fundação Progresso, na Lana.

O projeto foi criado a partir de um programa homônimo veiculado desde o ano passado pela rádio carioca MPB FM - referência óbvia ao Buena Vista Social Club, que reunia a nata dos músicos cubanos e gerou disco e filme.

Os shows no Rio reuniram tantos artistas que devem render dois CDs e dois DVDs. Os primeiros CD e DVD têm lançamento previsto para o final de outubro: os seguintes, para ja-

neiro ou fevereiro. O preço ainda não está definido. A divisão do repertório também não foi decidida. Alguns artistas gravaram duas músicas e devem figurar nos dois volumes.

Ao todo, foram gravadas mais de 30 canções. Os dois volumes devem conter pérolas: “O Bêbado e a Equilibrada” na voz de Beth Carvalho, “Vai Passar” e “O Mar Sereou” interpretadas por Jorge Aragão, “Amor até o Fim” por Gilberto

Gil... E esses são só alguns exemplos.

Pelo palco desfilaram músicas de idades tão distintas como o mangueirense Nelson Sargento, 84 anos recém-completados, e a cantora Roberta Sá, 27. Sargento cantou com o portelense Mauro Diniz “Velhas Companheiras”, que celebra a união das duas escolas de samba. Monarco representaria a Portela, mas um problema de saúde o impediu de participar.

Para aplaudir os astros, cerca de 3.000 pessoas pagaram ingressos de até R\$ 50. A repetição das músicas -necessárias para garantir a qualidade das gravações- cansou o público. No começo, quando Zeca Pagodinho repetiu “É Preciso Muito Amor”, a bancária Sônia Pereira, 42, garantiu: “Ele pode cantar a mesma música a noite toda que ficarei aqui”. Após várias regravações, porém, muitos decidiram ir embora.

Final, foram três horas e meia só para gravar as primeiras 19 músicas.

Quem ficou não economizou aplausos -menos para Sandra de Sá, que, antes de cantar “Água na Boca”, cruzou os braços erguidos formando um X, símbolo da torcida do Flamengo. O público vaiou por minutos a fio, mesmo depois que ela tentou consertar mencionando os outros clubes do Rio.